



LITERATURA INFANTOJUVENIL E DELEITE

Rodrigo da Costa Araújo

A literatura leva ao extremo a ambiguidade da linguagem: ao mesmo tempo que aproxima o homem daquilo que está designando, denuncia que esta designação é arbitrária, provisória e artificial. É a arte de inventar, de fingir, de enganar e ao mesmo tempo mostrar o engano. É, portanto, uma linguagem instaurada de realidades e exploradora dos sentidos que possui uma capacidade de gerar inúmeras significações a cada leitura (Gloria Pondé, 2017, p.105).

Arte de fazer artes - como escrever histórias para crianças e adolescentes (2017), de Gloria Pondé (1948-2006) trata, nessa nova edição de luxo, republicada pela editora SESI-SP, da produção literária nacional voltada para o público infantojuvenil. Publicada, originalmente, em 1985, a obra tem como centro da discussão o público interessado na arte de escrever histórias para crianças e adolescentes, bem como pais, professores e estudantes. Apesar do conteúdo ter sido escrito há mais de 30 anos, o ensaio permanece relevante, levando em consideração as dificuldades de escritores brasileiros, editoras e educadores em relação ao índice de leitura e ao desenvolvimento do mercado editorial.

No elegante prefácio, a doutora, pesquisadora e autora Rosa Maria Cuba Riche ressalta a importância do livro, no período em que foi publicado. Na época, em virtude dos estudos teóricos sobre literatura infantil e juvenil, discutiam-se a produção artística e as transformações do livro. *A arte de fazer artes*, mais do que nunca, contribui ao levantar informações sobre a importância da leitura para os leitores e professores - profissionais que nem sempre estão atualizados

sobre o assunto, pois não são todos os cursos de Letras que oferecem aulas de literatura infantil e juvenil regularmente.

A obra é dividida em oito capítulos. O primeiro deles trata da natureza do livro infantil, sua relação inicial com o leitor e da produção editorial para crianças e jovens no Brasil, incluindo dados estatísticos e conexões que situam esse tipo de obra no mercado de hoje.

No segundo capítulo, - *O papel da leitura no desenvolvimento da produção de livros* -, versa sobre a leitura do ponto de vista cultural e político. Dedicar-se, ainda, sobre a problemática da escola e da alfabetização, tratadas historicamente, mas, também, ressaltando a participação decisiva do professor ou iniciador da criança no hábito de ler.

Uma visão geral do fenômeno literatura infantil é o recorte do terceiro capítulo da obra. Ocupa-se da consideração atualizada da literatura infantil, a partir de experiências de autores que a renovam. Diante desse olhar, ampliam-se a teoria e a prática, suas tendências e reflexos sobre o conceito de literatura, sua ideologia, de onde emerge o projeto estético-ideológico da literatura infantil, dos anos de 1970.

O quarto capítulo, intitulado *Tudo começou com as fadas*, revisita os clássicos da tradição oral das civilizações, para introduzir a discussão sobre a fantasia que parece ser, ainda, o tormento ilusório de quem lida com o binômio criança-escrita. As releituras desses clássicos ecoam nas intertextualidades dos contos de fadas contemporâneos da literatura brasileira. Desse viés de leitura, as paródias bem-humoradas e o retorno ao inconsciente são acionados em direções diversas para recuperar/renovarem o encantamento e a atualidade desses símbolos.

Os heróis, com que as crianças se identificam, ressurgem no quinto capítulo, submetidos a provas, mas emergindo delas em virtude do risco, com soluções capazes de forjar o sujeito, integrando-o ao social, sem que isso signifique a absorção acrítica do sistema. Ao contrário, o sistema se renova pela inventividade e criatividade da ficção. Para aprofundar essas expectativas, o sexto capítulo revê as origens do texto para crianças, tanto do ponto de vista da série literária como do ponto de vista social, apontando os gêneros que abarca. Ainda, assim, mapeia a trilha do texto infantil, no Brasil, até Monteiro Lobato, quando, efetivamente, começa a delinear o caminho rico e complexo, correspondendo, aliás, a uma realidade contemporânea.

O sétimo capítulo enfatiza a comparação obra e realidade, recontextualizando as relações entre fantasia e realidade, substâncias e formas de expressão. Funciona como síntese das discussões anteriores retomadas, agora, no modo como os escritores devem apresentar o real ao leitor sem dogmatizar ou aliená-lo. Entram nesses cruzamentos de leituras, a questão do imaginário e seus diálogos com as realidades: o maravilhoso, o grotesco, o fantástico, sem perder contato com a vida do leitor.

O último capítulo é dedicado a confluência da poesia com a tradição popular. Confirmam-se, pelas leituras da estudiosa, alguns traços na raiz da iniciação poética que unem ritmo e linguagem, som e musicalidade, oralidade e lírica. Isto é, a poesia nasce, de fato, no mundo da infância.

É interessante observar como alguns dos desafios, da década de 1980, enfrentados por escritores, permanecem atuais. Gloria Pondé conta que, além das dificuldades da profissionalização do autor no Brasil, faltava investimento em literatura infantil nacional, visto que as editoras precisam lucrar e, muitas vezes, era/ainda é mais viável apostar na tradução de livros internacionais. Independente do público-leitor, este dilema permanece presente no mercado editorial brasileiro. A autora mapeia esses dados que mostram o aumento da produção de literatura nacional, nos períodos de 1975-1978 em relação a 1965-1974.

De acordo com a estudiosa, a profissionalização do escritor ainda é desafiadora no Brasil e seria uma forma de se investir em mais qualidade de suas obras, dedicando mais tempo à criação. Segundo Gloria Pondé, é preciso um amadurecimento da categoria, para que o escritor deixe de ser visto como um 'biscateiro cultural', defenda seus direitos autorais e tenha reconhecimento do público. Ela cita duas escritoras brasileiras que se destacaram na produção de literatura infantojuvenil, Ruth Rocha e Ana Maria Machado.

Nesse contexto, Monteiro Lobato foi um dos autores brasileiros cuja proposta de literatura infantil acabou influenciando o movimento da literatura infantil contemporânea. Gloria Pondé explica que os livros do criador do *Sítio do Picapau Amarelo*, em relação ao conteúdo e forma, assemelham-se às propostas atuais, através de elementos que ajudam a formar leitores críticos, sem desconsiderar a

criatividade, reagindo à literatura conservadora e alienante.

A literatura infantil, aos olhos e Glória Pondé¹, é sempre agente emancipador, capaz de projetar a criança para além do universo cotidiano, (re)criando a vida como ela ainda pode ser vivida ou experimentada. Por isso, seu caráter lúdico, em sentido amplo, deve ser resgatado, em detrimento da função meramente pedagógica. A Literatura, e mais do nunca a produção para crianças:

[...] é a porta de um mundo autônomo que ultrapassa a última página do livro e permanece no leitor incorporado como vivência. Esse mundo se torna possível graças ao trabalho que o autor faz com a linguagem. Literatura, pois, não transmite nada: cria tão-somente no espaço da linguagem. É um engano acreditar que o caráter humanizante e formador da literatura vem da natureza ou quantidade de informações que ela propicia ao leitor (PONDÉ, 2017, p.105).

Além de ser porta, farol, direções, cada vez mais, autores de textos infantis tentam criar, via literatura, um espaço harmonioso entre a criatividade e as relações da criança com o mundo. Acredita-se que esse espaço estimula a curiosidade, a descoberta, o prazer da palavra poética. A literatura, quando comprometida com o interesse da criança, pode transformar-se, também, em meio de acesso ao real, como possibilidade de enriquecimento do imaginário.

O que se reforça na maioria dos capítulos e em todo o percurso da literatura infantil brasileira, é a tensão entre dois polos: pedagogismo e proposta emancipatória, massificação e liberdade expressiva. Atualmente, quantidade e qualidade coexistem na literatura infantil, em que a produção de textos estereotipados compete com o sucesso no mercado cultural, e o surgimento de autores críticos e criativos propiciam a excelência de algumas obras

Arte de fazer artes - como escrever histórias para crianças e adolescentes, de Glória Pondé é, portanto, um elogio e presente para todos que trabalham com a formação de novos leitores, que vai se

¹ Sobre a autora: pioneiras nos estudos de literatura infantil no Brasil. Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi por mais de vinte anos professora da rede pública do estado. Glória Pondé foi diretora executiva da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), fundou e coordenou cursos de especialização em Literatura Infantil, da UFRJ e na universidade Federal Fluminense (UFF) e publicou diversos livros de crítica literária no Brasil e no exterior. Em 1982 recebeu o prêmio Silvío Romero e, em 1994, o prêmio FNLIJ de melhor incentivo à leitura junto a crianças e jovens.

tornar, juntos com outros livros dela a serem lançados, bibliografia obrigatória para formação de qualquer educador. A obra, pela voz da estudiosa, reúne inquietações da época e de hoje, de pesquisadores da literatura infantojuvenil brasileira. Transdisciplinar e pontual, o ensaio consegue apresentar um panorama, não só histórico, mas extremamente crítico e inovador em relação ao gênero, sem, contudo, cair no didatismo ou na linguagem teórica distante do leitor.

Referência

PONDÉ, GLORIA. *A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes*. São Paulo. SESI-SP Editora. 2017.512p.

